

# OS CONFLITOS DE PENSAMENTO ENTRE DOIS GRANDES ESTUDIOSOS DA MENTE HUMANA: FREUD E JUNG

Amanda Kedma Lemos<sup>1</sup>  
Dulciana Santos<sup>2</sup>  
Moacir Matias Borba<sup>3</sup>

## RESUMO

O propósito do estudo foi apresentar um levantamento sobre as linhas de pensamentos de dois estudiosos da psicologia, que os levaram a construir ideias distintas dentro da ciência psicológica, ou seja, Freud com sua Psicanálise e Jung com a posterior Psicologia Analítica. Este artigo foi baseado em bibliografias especializadas em psicologia, assim como em *websites* de informações sobre as ciências da mente. Observou-se além de complementação de ideias, grandes divergências de opiniões entre Freud e Jung, como por exemplo sobre a existência do inconsciente coletivo, a libido como energia sexual ou como energia vital, assim como, divergiam sobre o significado dos sonhos. As já citadas importantes divergências, significaram um grande salto no estudo do inconsciente, trazendo para a humanidade ganhos inestimáveis no conhecimento sobre a tão desconhecida e misteriosa mente humana.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Psicologia. Divergência Freud e Jung.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo do inconsciente criado por Freud e posteriormente desenvolvido por Jung à sua própria maneira, é, sem dúvidas, um assunto ainda atual e de grande relevância para a psicologia e seus estudiosos. Ao embarcar nesse universo dos conhecimentos e teorias dos processos mentais, seja Psicanálise ou Psicologia Analítica, descobre-se um mundo de grande significância. E então fica a pergunta: Por que seguiram caminhos separados? Quais motivos os levaram a tomar a decisão de seguir projetos diferentes? Neste artigo contemplaremos os principais pontos de divergência que levaram ao declínio uma amizade promissora que culminou na criação dessas duas correntes de pensamentos distintas que até hoje inspiram seguidores.

Inicialmente cientistas de lugares diferentes, tornaram-se companheiros numa jornada de investigação, em que dedicaram suas vidas para compreender e explicar os conhecimentos, à parte da mente consciente, para em seguida transformá-lo em conteúdo palpável e útil à humanidade. No entanto, suas subjetividades os levaram a seguir caminhos separados quanto a unicidade da forma de pensar. A certa altura, a parceria se pôs em segundo plano, pois ambos estavam dentro do momento crucial da construção de seus projetos pessoais. Nada mais natural, pois como diz Hannah Arendt em seu livro, *A condição humana*, “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas – Esuda – 03221788@esuda.edu.br

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas - Esuda – 03221783@esuda.edu.br

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas - Esuda – 03221804@esuda.edu.br

*todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.”* (2007, p. 16). Isso incita a busca pelo entendimento sobre os pontos de discordância, olhando para os resultados de seus trabalhos a fim de encontrar as características de seus criadores. Como pensam Jung e Freud sobre temas como inconsciente, sexualidade, interpretação dos sonhos e religiosidade?

Nesta abordagem traremos um olhar sobre quem são esses pensadores, como se conheceram e a relação que construíram, como pensavam sobre alguns assuntos específicos dentro da psicanálise, quais foram os principais pontos de discordância, e por fim como esses dois grandes nomes, de maneira extraordinária, contribuíram para o campo do conhecimento psíquico.

## 2. FREUD – O PAI DA PSICANÁLISE

O nome Sigmund Freud é notório até hoje dentro da Psicologia. O pai da psicanálise nasceu em um país da Europa, no ano de 1856, mudou-se ainda pequeno, com sua família, para a Alemanha e posteriormente para a Áustria, onde viveu a maior parte de sua vida. Freud era filho de família judia, e por causa de sua descendência, tinha restrições quanto a escolha de um curso de graduação, restando-lhe apenas a escolha entre medicina e direito. Acabou por escolher medicina. Não era exatamente o que desejava como carreira, mas percebeu ser um caminho viável para conseguir seu objetivo que era atuar na área de pesquisas científicas e ter sucesso e fama.

Oito anos após seu ingresso na faculdade, formou-se e começou a atuar como clínico. Tinha proximidade com um proeminente médico chamado Josef Breuer, que frequentemente conversava com Freud sobre seus casos de histeria e em certa ocasião falara a respeito de uma paciente de codinome Anna O, cujo nome era Bertha Pappenheim. Essa jovem apresentava vários sintomas inexplicáveis, entre eles “*paralisia, perda de memória, deterioração mental, náuseas e distúrbios visuais e orais*” (D. Schultz & S. Schultz, 2020, p.325). Breuer relatava que durante o sono hipnótico a paciente tinha seus sintomas aliviados. O caso Anna O. veio a se tornar fundamental no desenvolvimento da psicanálise, pois através dela, Freud entendeu a importância da conversa para a cura, o que viria a ser a base de destaque nos seus trabalhos. Essa forma terapêutica utilizada era conhecida como método catártico.

Em 1885 enquanto estudante de Neurologia, ganhou uma bolsa para fazer uma especialização em Paris junto ao médico Jean Charcot, na época um dos mais renomados nomes da medicina entre em Franceses. Foram 4 meses em que Freud pôde aprender as técnicas de hipnose, acompanhar casos de histeria e ser introduzido pelo mestre nos caminhos misteriosos da mente. Voltando para Viena continuou a trabalhar com Breuer nos estudos da histeria que marcou o início das suas investigações psicanalíticas. Com o tempo, Freud abandonou o método catártico e deu preferência ao que ele chamou de livre associação, em que orientava o paciente a falar qualquer coisa que quisesse, sem julgamentos, sem preocupações com o conteúdo, apenas falar livremente

Pouco tempo depois, Freud começou a observar a importância dos sonhos dentro da psicanálise e em 1900 lançou sua obra *A interpretação dos Sonhos*, considerado por muitos a obra inicial do pensamento freudiano e o *start* da psicanálise.

Os sonhos foram tema importante nos estudos de Freud sobre o inconsciente, pois revelava um rico conteúdo que estava oculto. Segundo ele, as informações que estavam dentro dessa parte psíquica em estudo, poderiam já ter sido conscientes e foram reprimidas ou poderiam ter sido recebidas como dotação filogenética, ou seja, advindos de experiências dos ancestrais ao longo de milhares de anos de repetições.

### 3. A ESCOLA PSICANALÍTICA

A escola de psicanálise, diferenciou-se das outras escolas até então conhecidas, tanto em seu método quanto no objeto estudado. Pensadores como Wundt e Willian James, responsáveis pelo início da psicologia moderna, tiveram enfoque em sensações, percepções e aprendizagem. Trabalhavam com a mente consciente e dedicavam-se as análises e experimentos laboratoriais. Freud, em sua nova forma de conhecimento, olhava para o inconsciente, até então pouco falado, e seu método de pesquisa eram as práticas clínicas. A psicanálise nasceu de um olhar dentro da medicina, na tentativa de tratar pessoas vistas pela sociedade com comportamentos anormais (psicopatologias). Freud foi o responsável por introduzir a noção de inconsciente dentro da psicologia.

Freud começava a esboçar o entendimento de que nossas ações estavam ligadas a sentimento inconscientes. Para ele, o aparelho psíquico era dividido em consciente, pré-consciente e inconsciente. Abstendo-nos ao inconsciente psicanalítico, entenderemos o porquê é comumente comparado a parte submersa de um *iceberg*. Assim como a grande pedra de gelo, a maior parte de sua estrutura está escondida. Para Freud, é no inconsciente

que guardamos traumas, frustrações, aspectos da nossa personalidade que preferimos negar. Esse conteúdo fica encoberto para evitar sentimentos dolorosos ou indesejados. No entanto, continuam a influenciar o comportamento do indivíduo. Ainda segundo as teorias desse pensador, embora possamos estar cientes dos nossos pensamentos, vontades, emoções, frequentemente não estamos conscientes dos processos mentais que estão por trás deles.

#### 4. CARL GUSTAV JUNG

Com a repercussão dos estudos, livros e teorias de Freud, seu nome passou a ser admirado e as pessoas começaram a conhecer e se interessar pelo seu trabalho. Foi através de suas publicações que o jovem Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço foi atraído por suas ideias passando inclusive a defendê-las em diversas partes da Europa, essa relação posteriormente tornou-se uma grande amizade.

Filho de um pastor da Igreja Reformada Suíça, ao ingressar na Universidade da Basileia, Jung tinha como propósito se tornar um filologista e possuía bastante interesse em arqueologia, no entanto sua inclinação pelo estudo das ciências naturais, o levaram a optar por seguir a carreira da medicina. Após concluir o curso em 1900, aos 25 anos de idade, Carl Jung precisou deixar a Basileia em busca de solidificar sua carreira e suas pesquisas, e foi no hospital Burgholzli, de Zurique que passou a ocupar o cargo de segundo assistente médico. Ali, desenvolveu um grande período de atividade científica sob o comando de um dos maiores psiquiatras da época e da história, o Dr. Eugen Bleuler. O grau de conhecimento de Jung era inegável naquele hospital, de forma que em 1902 já se tornava primeiro assistente passando a defender sua tese de doutorado.

Em 1905, Jung é designado a ocupar o cargo como primeiro Oberarzt, ou seja, assumia a posição de destaque na hierarquia do hospital estando abaixo apenas do próprio Bleuler. Também iniciou diversos cursos de destaque na Universidade de Zurique. As experiências acumuladas lhes renderam bastantes esclarecimentos quanto ao estudo de doenças como a esquizofrenia, por exemplo, o que trouxe muitas contribuições a psicologia moderna.

## 5. A RELAÇÃO ENTRE FREUD E JUNG

Sua relação com Freud tem início em 1906, Jung já havia lido o livro abordando as teorias da interpretação dos sonhos, e decide enviar a Freud uma carta com um de seus escritos, o Estudos Diagnósticos de Associações, em qual citava passagens dos livros do próprio Sigmund Freud. Em resposta, Freud diz que já tinha adquirido um exemplar do livro que tinha recebido através da carta, e ali começava uma série de correspondências sobre diversos assuntos científicos e pessoais. Começa a ser construído então um relacionamento de estreiteza e confiança que duraria alguns anos. Foram muitas as correspondências e em uma delas Freud reconhece o valor e importância de Jung para a ciência e para levar adiante sua psicanálise, em suas palavras o considerava como “*meu sucessor e príncipe coroado*” (McGuire, 1974, p. 218 apud D. Schultz & S. Schultz, 2021, p. 356)

Após o primeiro encontro entre os dois, onde puderam conversar sobre diversos assuntos durante treze horas ininterruptas, Freud escreve uma nova carta em que fica claro nas palavras quão fascinante era a relação entre ambos, pois o psicanalista enxergava em Jung a possibilidade de levar adiante suas teorias vindo a torná-las uma ciência mundialmente reconhecida. Na carta datada de sete de abril de 1907, Freud escreveu: “*você me inspirou confiança no futuro, pois percebi que sou tão substituível quanto qualquer outra pessoa, e não poderia esperar ninguém melhor do que você, agora que passei a conhecê-lo, para continuar e completar meu trabalho*” (McGuire, 1974, p. 27 apud HALL, S. Calvin; LINDZEY, Gardner Edmund; CAMPBELL, B John, 2007, p.84). Ao todos os dois amigos trocaram cerca de 359 cartas, até o momento em que começaram a divergir sobre pontos específicos dentro do campo da psicanálise, mais especificamente sobre o inconsciente.

## 6. QUANDO COMEÇARAM A DIVERGIR E A RUPTURA

Com o passar dos anos Jung se aprofundou cada vez mais no estudo da psicanálise e do inconsciente, e embora seu vínculo de amizade com Freud fosse formado por fortes laços científico e admiração mútua, os pontos de vista diferentes começaram a abalar a relação. Em 1910 ambos viajaram para um evento comemorativo na Clark University, nos Estados Unidos onde estava sendo fundada a Associação Psicanalítica Internacional, mas logo após a amizade começa a declinar e já no ano de 1912 acontece uma ruptura na

relação entre Freud e Jung com a publicação de *Metamorfoses e símbolos da libido*. Na publicação, Jung aborda acerca da sexualidade concluindo ser exagerada a concepção dada por Freud a essa temática.

Apesar da frutífera relação entre os dois, as discordâncias entre eles ficavam cada vez mais acentuadas, de forma que a publicação desta obra por Jung em 1912 deixou clara a divergência psicanalítica e foi crucial para o rompimento entre os dois. Que culminou na tomada de caminhos diferentes em 1914, Freud ficando com a já conhecida Psicanálise e Jung surgindo com a Psicologia Analítica.

## 7. AS PRINCIPAIS DIVERGÊNCIAS ENTRE FREUD E JUNG

### 7.1. A EXISTÊNCIA DO INCONSCIENTE COLETIVO

Uma das bases da teoria de Freud, inicialmente chancelada por Jung, advinha de acreditar que a mente era composta por divisões chamadas de Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente, esta última, funcionava como um depósito escondido na mente, que através dos sentimentos, pensamentos e sensações, armazenaria memórias esquecidas, percepções subliminares e experiências reprimidas. Freud acreditava enfaticamente, que os conteúdos pertencentes ao Inconsciente, seriam resultados de recalques (afastamento de determinada coisa do consciente), que geravam traumas, oriundo, em grande parte, da infância de cada ser humano e de cunho quase sempre sexual.

Jung, apesar de concordar com Freud em relação ao conteúdo do inconsciente, foi percebendo através de suas análises, que determinados comportamentos se repetiam nos seres humanos, mesmo entre povos de lugares diversos, longínquos e em épocas cronologicamente muito diferentes (levando em conta que na antiguidade, a distância chegava a impossibilitar a comunicação entre os povos) o que o levava à conclusão que o ser humano não tinha como conteúdo apenas a parte biológica ou somente o inconsciente pessoal, mas que também podia haver uma herança de conteúdo universal, não organizados em nossa experiência individual. A isto Carl Jung chamou, Inconsciente Coletivo.

O Psiquiatra, em suas observações e estudos, além de vivências próprias, foi um pensador que para chegar às suas conclusões, até então inéditas para a psicologia, mais especificamente à Psicanálise, passou em várias searas dos campos do

conhecimento como a Literatura, a Alquimia, Parapsicologia, Mitologia, a religião, e nessa última mais especificamente, ao pensamento oriental (pois não ficou restrito as religiões ocidentais), ou seja, ele fez um apanhado intelectual e cultural, de forma tão abrangente, que o capacitou a perceber fatores comuns entre a psicologia e as religiões, misticismos e culturas diversas da humanidade.

Para Jung, o inconsciente coletivo, se manifestava através dos símbolos, e estes faziam parte de uma linguagem, sendo assim necessário compreendê-los. Assim, concluiu que o inconsciente não só guardava informações pessoais, mas também um material psíquico que não derivava das experiências pessoais apenas, mas de informações que pertenciam à coletividade da humanidade, não só da atualidade, mas da ancestralidade também. Defendia que os seres humanos estavam inseridos numa atmosfera de informações psíquicas, recheadas de símbolos (que Jung chamou de arquétipos), pertencentes à humanidade que registrou e registra tudo o que acontece para si e em si. Esses símbolos, por ele chamados de arquétipos, teriam o poder de influenciar a nossa psiquê com ideias primárias vividas por nossa ascendência. Essa conclusão a que Jung chegou não agradava a Freud, visto que ele sempre almejou tornar a psicanálise uma ciência e jamais admitiria que assuntos como misticismo e religião entrassem em suas teorias. Freud não aceitou a ideia de Jung sobre o inconsciente coletivo.

## 7.2. LIBIDO COMO FONTE ÚNICA DE ENERGIA PSÍQUICA

A libido também foi motivo de contraposição entre Freud e Jung. Para Freud nós agimos impulsionados por forças que ele classificou entre instintos de vida ou instintos de morte, respectivamente um para garantir nossa existência, como comer ou fazer sexo e outro que nos direcionava a decadência ou destruição, como ser agressivo, ter desejos suicidas e a essa energia ele chamou de libido.

A sexualidade é muito importante na psicanálise, pois vai além da ideia do sexto propriamente dito, esse termo apresenta sentido mais amplo que engloba a busca pelo prazer em qualquer idade. Todas as vezes em que a energia da libido aumenta, o corpo busca descarregar essa tensão buscando reduzir a um nível confortável. Assim, Freud fez uma classificação hipotética chama ID, Ego e Superego. Fazendo uma analogia, para entender essas três partes, a mente seria um prédio, O ID seria o vizinho festeiro, que só pensa em diversão e prazer imediato, o superego seria o vizinho carrancudo,

que se incomoda com tudo e qualquer mínima, pois dá extrema importância a moralidade e o ego seria o síndico que equilibra o ambiente para ter harmonia, levando sempre em consideração a realidade. Dessa forma, Freud identificou que:

- Dos 0 aos 18 meses, seria a fase do prazer pela boca, ou seja, a fase oral.
- Dos 18 meses aos 3 anos é considerado a fase anal, pois neste momento é concentrado o prazer na defecação e desfralde, na autonomia de ir ao banheiro, de reter ou expelir as fezes.
- Dos 3 aos 5 anos seria a fase fálica, a libido passa para os órgãos genitais e a criança começa a diferenciar feminino de masculino.
- Posterior a essa fase vem a latência, onde a libido cede espaço ao pudor e a questão sexual fica em segundo plano, essa fase fica dos 6 até a pré-adolescência
- Por fim chega a fase genital, que vai da adolescência à fase adulta, é o início da maturidade sexual e o interesse pelo relacionamento.

Como vimos acima, a libido se expressa de formas diferentes dependendo do estágio da vida em que a pessoa se encontra.

Jung defendeu, por outro lado achava que a libido era algo maior do que o prazer. Ele escreveu:

*Os processos dinâmicos da psique não podem ser reduzidos a este ou aquele instinto específico (...) Por isso achei oportuno admitir uma grandeza hipotética, uma 'energia', como princípio de explicação psicológica e designá-la "libido", no sentido clássico da palavra (desejo impetuoso), sem com isso fazer qualquer afirmação sobre sua substancialidade. Com essa grandeza, os processos dinâmicos podem ser facilmente explicados e sem aquela deturpação própria de uma explicação baseada em motivo concreto (JUNG, 2000, p. 13 apud MORAES; TRISTÃO, 2010)*

No entendimento de Jung, como já dito anteriormente, baseado numa multiplicidade de informações, oriunda de assuntos diversos, a libido para ele vai se apresentar como um evento de caráter múltiplo; e que inclusive, era um evento encontrado na totalidade da natureza, e não só no ser humano, que tinha como característica e resultado a criatividade, ou seja, Jung acreditava que a libido era a força que dava vida a tudo (comparada à energia física), a força motora da natureza, que se manifestava através das práticas da sociedade como um todo, percebida através das crenças, da espiritualidade, da arte, e também da sexualidade, mas não exclusivamente dela.

### 7.3. SIGNIFICADO DOS SONHOS

As diferenças não paravam pelo que já foi citado, elas seguiam por outros aspectos da Psicanálise de Freud, e esses dois gênios da Psicologia divergiam sobre o conteúdo dos sonhos também. Para Freud, os sonhos eram uma forma encontrada pelo inconsciente de trazer os conteúdos recalçados e negados à consciência. Enquanto esse material se encontrava no inconsciente, causava na mente uma situação de inquietude da mesma e como Freud defendia que a maioria das inquietações da mente tinham cunho sexual. Os sonhos para ele, eram a manifestações sexuais reprimidas que viriam à tona em forma de sonho, apresentando-se ao consciente.

Já para Jung, os sonhos tinham um significado mais abrangente, pois acreditava serem constituídos por símbolos pertencentes e compartilhados por todos os seres humanos, ou seja, independente de geografia, etnia, vivências pessoais ou tempo os seres humanos tinham, em sonhos, as representações dos desejos de evolução espiritual, além das mais profundas conexões com o divino. O conteúdo dos sonhos ia além de manifestações sexuais como dizia Freud.

### 7.4. A IDENTIFICAÇÃO SIMBÓLICA LIGADA À RELIGIÃO

Freud na tentativa de tornar a Psicanálise uma ciência, repudiou a atitude de Jung em levar a psicanálise para o campo da religião ou para o lado místico.

Para que melhor possamos entender o pensamento de Jung, devemos atentar para o fato de o psiquiatra acreditar que a religião (que o termo guarda conexão com um significado numinoso), funcionava como uma identificação simbólica de um sistema psicoterapêutico, que tinha o poder de autorregulamentação da psiquê do ser humano no qual ela adentrava. Na verdade, ela ordenava e orientava a pessoa a um encontro consigo mesma, ou seja, a religião, para Jung, era a possibilidade de estabelecer uma ordem psíquica no indivíduo, processo esse, que em absoluto, não dependia de uma instituição religiosa. Havia em Freud, o receio de que a sociedade viesse a não entender, o pensamento de Jung, e achasse que, na verdade, a Psicanálise estivesse sendo levada para o campo das denominações religiosas, o que em sua opinião poderia cair em descrédito pela sociedade, tirando de seus estudos e teorias a possibilidade de vir a ser aceitos como ciência.

## 8. CONCLUSÃO

É nítida a grandiosidade desses dois mestres das ciências psicológicas. Cada qual em seu tempo e à sua forma, contribuíram majestosamente para o desenvolvimento da psicologia moderna. Suas contribuições construíram pensamentos e levaram pessoas a se debruçar sobre seus ensinamentos e métodos, por gerações.

É um enorme privilégio ter acesso aos escritos de ambos os pensadores, pois foram vidas dedicadas a trazer luz sobre um assunto tão complexo quanto necessário. Como entender e explicar algo tão subjetivo quanto o inconsciente? O que pensar dos sonhos, desejos, comportamentos ou personalidade? Questões que, sem dúvida, permeiam as cabeças de muitas pessoas em todas as épocas e lugares. Quando existem duas correntes de pensamentos tão coerentes e abrangentes, é normal que seus discípulos tentem se posicionar como os detentores da verdade, mas o fato de Freud e Jung terem rompido a amizade não significa que esses conhecimentos precisam ser isolados ou tratados como extremos opostos. Pelo contrário, é preciso absorver e utilizar seus ensinamentos para entregar ao mundo contemporâneo a possibilidade de conhecer o funcionamento da psiquê e do comportamento humano, a cura quanto aos problemas da alma e o profundo conhecimento que cada um deles encontrou, desenvolveu e perpetuou com suas ávidas mentes brilhantes.

Por mais que eles tenham dedicado suas vidas a descobrir impulsos e desvios de comportamentos, ainda assim, como todo e qualquer ser humano, estavam, pelo que avaliamos, expostos a sentimentos de disputa e de inflexibilidade, que os levou ao declínio de uma relação, antes, construída sob os pilares da admiração e respeito mútuos.

Embora os pensamentos tenham seguido caminhos distintos, consideramos que suas divergências não precisam continuar a ser vivenciadas, mas que podem ser respeitadas e vistas como complementares. Não existe regra que defina todas as patologias ou transtornos em seres tão subjetivos quanto nós. Cabe apreciar a riqueza de informações que esses pais do conhecimento psíquico trouxeram para benefício da humanidade.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. Título: A Condição Humana. Capítulo: A Vita Activa e a Condição Humana. 10ª Edição. Editora Forense Universitária. Pág. 16; Rio de Janeiro 2007;

A MENTE É MARAVILHOSA. **A definição da libido segundo Sigmund Freud.** Disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/definicao-da-libido/>>. Acesso em 24/05/2022 às 00h36

HALL, S. Calvin; LINDZEY, Gardner Edmund; CAMPBELL, B John. Teorias da Personalidade. 4ª Edição. Editora Artmed. Porto Alegre 2007;

MORAES, Fabrício; TRISTÃO, Kelly. **“A divergência entre Freud e Jung”: uma Discussão Acerca dos Pressupostos básicos da Psicologia Analítica** Disponível em: <<http://psicologiaanalitica.com/a-divergncia-entre-freud-e-jung-uma-discusso-acerca-dos-pressupostos-bsicos-da-psicologia-analtica/> e>. Acesso em 20/05/2022 às 17h20

PSICOATIVO. **O que Freud aprendeu com Charcot?** Disponível em: <<https://psicoativo.com/2016/04/o-que-freud-aprendeu-com-charcot.html>>. Acesso em 22/05/2022 às 21h35

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney Ellen. Título: História da Psicologia Moderna. Capítulo: O Início da Psicanálise. 11ª Edição. Editora Cengage. Pág. 325; São Paulo 2021;

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney Ellen. Título: História da Psicologia Moderna. Capítulo: O Início da Psicanálise. 11ª Edição. Editora Cengage. Pág. 356; São Paulo 2021;